



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16639 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 13 - Educação Fundamental

O MEU, O SEU, O NOSSO COTIDIANO EM PROSA CIENTÍFICA: A NARRATIVA DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DA BAIXADA FLUMINENSE DO RIO DE JANEIRO

André Luis de Abreu Oliveira - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

O MEU, O SEU, O NOSSO COTIDIANO EM PROSA CIENTÍFICA: A NARRATIVA DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DA BAIXADA FLUMINENSE DO RIO DE JANEIRO

VAMOS CONVERSAR?

O trabalho procura consubstanciar o cotidiano escolar em uma epistemologia de todo dia da escola pública, referente aos processos de alfabetização. Motivado pelo salientado por Oliveira (2007, p.48):

continuamos a estudar pouco ou sob ângulos excessivamente restritos os modos de aprendizagem que geram as leituras que fazemos do mundo à nossa volta e tentando, sem as informações necessárias, entender questões relacionadas ao processo de ensino/aprendizagem com a escola.

Ao mergulhar nas classes de alfabetização, a investigação propõe desenhar uma subjetividade de professores alfabetizadores. *Sentirvivendo* os procedimentos minúsculos e cotidianos apontados por Certeau (1994), é possível perceber como tais artesanias se permitem existir, mediante à imposição de uma epistemologia dominante.

CAMINHOS QUE SE DESENHAM CAMINHANDO

Assumo como metodologia um resgate a minha biografia, que feita de encontros, acaba sendo um ato nosso de preservação. Aponto nosso, aliado a ideia de Bakhtin (2012) de que os outros nos constituem. Abraço o desafio, apostando na potência deste exercício construtivo pois como expõe Passeggi (2018, p 450):

No campo da Educação, a Pesquisa (Auto)biográfica vem ampliando e produzindo conhecimentos sobre a pessoa em processo de formação, as relações com os espaços e tempos de aprendizagem e a subjetividade inerente ao pertencer e biografar a própria vida.

Assim, traçamos essa rota de construção epistemológica por meio das narrativas das professoras alfabetizadoras da baixada fluminense no Rio de Janeiro.

(RE)VER O QUE ANTES HABITAVA O SILÊNCIO

Volto assim ao ano de 1998 onde no curso normal, leio a denúncia do professor José Carlos Libâneo no segundo capítulo de seu livro *Didática: O fracasso escolar precisa ser derrotado* (1990). Um profundo incômodo em mim foi despertado. Como poderia eu pensar que a escola fracassara? Quem determina esse fracasso? Meu eu alfabetizador, entrou em batalha, para que meu eu pesquisador hoje revise essa perturbação, seguindo a sugestão de Alves (2008, p.01):

Precisamos nos ver, como pesquisadores, mergulhados em nossos próprios cotidianos, nos quais abraçamos ferrenhamente algumas ideias que devemos, desconcertados, abandonar ou criticar com força mais adiante, pois a vida se impõe todas as vezes e assim deve ser, em especial nessas pesquisas.

Nesse caminho, destaco resumidamente aqui que ler e escrever, para nós *alfadocente* (Conceito que procurar conectar nossas subjetividades de professores alfabetizadores), é fazer com que nosso aluno faça uso da escrita como instrumento de comunicação. Como Freire (1985) afirma, o processo de alfabetização dá-se no interior de um projeto político que deve garantir o direito a cada educando ter sua própria voz. Ainda sobre a tutela de Freire (2014, p.145), bradamos:

A alfabetização é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica não uma memorização visual e mecânica de sentenças, de palavras, de sílabas, desgarradas de um universo existencial - coisas mortas ou semimortas -, mas numa atitude de criação e recriação. Implica uma autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto.

O compromisso político e estético vai muito além de qualquer convenção curricular ditatorial e seus entraves descritivo-metodológicos se performa a cristalizar. Adelair, professora *alfadocente*, conclamou conforme registrado em livro data de conselho de classe:

Ele chegou assim, no quinto ano Tô falando no quinto. Eu vou fazer o quê? Mas isso não tem em nenhum manual. Pelo contrário, diz que tenho que fazer com que o aluno, eu vou ler pra não falar pouco: (EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência... Mas que ele vai pro sexto ano, ele vai. E vai de longe bem melhor do que chegou aqui.

CONCLUINDO, MAS NÃO ENCERRANDO.

Nossas artesanias *alfadocentes*, trazidas ao longo de muitas conversas dando forma a uma práxis nossa, alicerçada em nossa realidade. Enquanto pesquisador, destaco a importância desta ação, inspirado por Sussekind (2012):

Acreditamos que fazendo pesquisa com os professores *nasdascom* as escolas temos alguma, mesmo que mínima, possibilidade de superar o Ego Cartesiano e as

Num sentido de demonstrar quem somos e o que fazemos, conceituando uma subjetividade nossa, respondendo, ou talvez apenas (re)existindo, retomei aquela imposição que o prof. Libâneo me transpassou, no início de minha formação docente, no Ensino Médio, de que o fracasso escolar precisa ser derrotado.

Se é como o autor constata um fracasso, não me cabe dizer, ou tencionar aqui. O que aqui afirmamos, sim, é que a escola se (re)faz diariamente, tentando. Sobre esse movimento, posso muito bem falar, categorizá-lo num ato contracolonial de desinvisibilização. Tomamos coletivamente a caneta e escrevemos nossos planejamentos. Crendo que:

A existência de uma escola de qualidade para os até agora excluídos, passa pela tomada da palavra pelas professoras, historicamente impedidas de dizer a sua própria palavra (ALVES E GARCIA, 2008, p.09)

Ao vislumbrar alguns lampejos da edificação consolidada ao longo do trabalho se observa por escrito uma epistemologia de todo dia. Nela, as artesanias *alfadocentes* nos revelam enquanto *praticantespensantes*, além de perceber a escola como *espaçotempo* de criação, tal como sugere Oliveira (2012).

Conversamos sobre as possibilidades de uma sala de aula cheia de alunos e, portanto, de oportunidades. Falamos sobre como a avaliação diagnóstica cotidiana rege o bom andamento do planejamento e discutimos também como podemos vislumbrar alguns dos descaminhos metodológicos plurais que podemos seguir.

Desta forma, como aponta Gomes (2017), transformamos aqui ausência em presença, numa Sociologia das Ausências, ao mesmo tempo que apontamos uma Sociologia das Emergências, substituindo o vazio de um futuro por um futuro de possibilidades plurais.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Desinvisibilização, Narrativas Docentes, Currículo.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. SOBRE MOVIMENTOS DAS PESQUISAS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). PESQUISA NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS DAS ESCOLAS SOBRE REDES DE SABERES. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

ALVES, N; GARCIA, R. L. O SENTIDO DA ESCOLA. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAKHTIN, Mikael. ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL. São Paulo: Martins Fontes. 2012

CERTEAU, M. de. A INVENÇÃO DO COTIDIANO: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

PASSEGGI, M. C. PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO: CAMINHOS E DESAFIOS. Curitiba: CRV. 2011

FREIRE, P. AS MUITAS FACETAS DA ALFABETIZAÇÃO. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985.

FREIRE, P. **EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GOMES, N. L. **MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR: SABERES CONSTRUÍDOS NAS LUTAS POR EMANCIPAÇÃO**. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, I. B. **O CURRÍCULO COMO CRIAÇÃO COTIDIANA**. Petrópolis, RJ: DP et Alli, 2012.

SÜSSEKIND; M. L. **O INEDITISMO DOS ESTUDOS NOS DIÁLOGOS COM OS COTIDIANOS: Currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública no Rio de Janeiro, Brasil**. IN: Revista e-curriculum, São Paulo, v.8 n.2 agosto, 2012.